



FRANZ KAFKA LIDO POR COMUNISTAS BRASILEIROS (1962-1989)

FRANZ KAFKA READ BY BRAZILIAN COMMUNISTS (1962-1989)

João Alberto da Costa Pinto*

Universidade Federal de Goiás – UFG

 <https://orcid.org/0000-0002-2493-4567>

joaocpinto@ufg.br

RESUMO: O artigo apresenta uma breve análise descritiva de como a obra de Franz Kafka foi lida e comentada por quatro comunistas brasileiros: Maurício Tragtenberg, Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho e Michael Löwy entre as décadas de 1960 e 1980, período em que a literatura do escritor tcheco ganhava repercussão diante do avanço das contradições dos investimentos do capital imperialista na organização produtiva do capitalismo brasileiro frente aos novos complexos administrativos empresariais e frente à ditadura militar após 1964. Compreender a literatura de Kafka como um marco crítico fundamental do quadro geral das institucionalidades da alienação no capitalismo contemporâneo e as possibilidades políticas dessa crítica esse foi o principal ponto de conexão que mobilizou as intervenções dos autores.

PALAVRAS-CHAVE: A literatura de Franz Kafka; burocracia e alienação; intelectuais comunistas brasileiros.

ABSTRACT: This article presents a brief descriptive analysis of how the work of Franz Kafka was read and commented on by four Brazilian communists: Maurício Tragtenberg, Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, and Michael Löwy, between the 1960s and 1980s. This period saw the czech writer's literature gaining prominence in the face of the growing contradictions of imperialist capital investments in the productive organization of Brazilian capitalism, the new complex business administrations, and the military dictatorship after 1964. Understanding Kafka's literature as a fundamental critical landmark within the overall framework of the institutionalities of alienation in contemporary capitalism, and the political possibilities of this critique, was the main point of connection that mobilized the authors' interventions.

KEYWORDS: The literature of Franz Kafka; bureaucracy and alienation; brazilian communist intellectuals.

* Doutor em História Contemporânea pela Universidade Federal Fluminense (2005). Professor Titular na Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (FH/UFG).

“O Messias só virá quando não for mais necessário, só virá um dia após a sua chegada, não virá no último, mas depois do último dia” (Kafka)¹

Apresento neste artigo uma análise descritiva de alguns textos elaborados por intelectuais comunistas brasileiros sobre a literatura de Franz Kafka, textos publicados entre 1962 e 1989 por Maurício Tragtenberg, Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho e Michael Löwy. Konder e Coutinho com trajetórias intelectuais ligadas ao Partido Comunista Brasileiro (PCB)², trajetórias marcadas pelo marxismo de perspectivas lukacsianas e/ou gramscianas e responsáveis por vigorosos debates no interior do partido; já Tragtenberg e Löwy, inicialmente com trajetórias comunistas dissidentes ligadas ao pequeno grupo de intelectuais que fundou em 1956 a *Liga Socialista Internacionalista* (LSI)³, a partir da década de 1960 têm percursos como professores universitários marcando suas intervenções intelectuais sempre em perspectivas comunistas libertárias antípodas ao cânone pecebista.

Neste artigo apresento uma síntese descritiva de um artigo de Maurício Tragtenberg publicado em 1962, uma biografia de Kafka escrita por Leandro Konder publicada em 1966, um ensaio de Carlos Nelson Coutinho publicado em 1977 e um ensaio de Löwy publicado como capítulo de livro em 1989. Esses trabalhos colocaram a literatura de Franz Kafka como peça importante nos debates sobre a alienação/reificação no capitalismo elaborada pelo marxismo brasileiro das décadas de 1960-1980.

A primeira tradução de uma obra de Kafka no Brasil aconteceu em 1956. *A Metamorfose* foi publicada pela editora Civilização Brasileira, em tradução do “original em inglês” feita por Brenno Silveira, irmão de Ênio Silveira, o célebre proprietário da editora, esse foi o primeiro livro traduzido, mas Kafka já era conhecido desde 1946 pela tradução de alguns contos conjuntamente com publicação na imprensa de artigos de

¹ Apud LÖWY, 1989, p. 72.

² As trajetórias de Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho são importante expressão institucional dos revisionismos teóricos que o PCB asseverou na década de 1960, ambos traduziram e divulgaram nas páginas da imprensa pecebista, na revista *Estudos Sociais* (1958-1964), por exemplo, a obra e o pensamento de pensadores marxistas como Georg Lukács, Antônio Gramsci, Lucien Goldmann, entre outros.

³ Maurício Tragtenberg foi militante do PCB no período de 1946-1947. Contrário à “linha justa do partido que no período de legalidade defendia a teoria da burguesia progressista de união nacional” (VALVERDE & MACHADO, 2026, p. 24), abandona o PCB e aproximou-se de intelectuais dissidentes como o extrotskista Hermínio Sacchetta e, com mais alguns jovens comunistas, como Paul Singer e Michael Lowy, em 1956, participa da fundação da *Liga Socialista Independente* (LSI), de tendência marxista-luxemburguista (VALVERDE & MACHADO, 2026, p. 24 e BANDOLI, 2013, p. 50-70).

opinião comentando a sua obra. Kafka é autor de inúmeros contos e pequenas fábulas e alguns deles foram traduzidos e publicados em jornais do Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e numa revista de Goiânia, a revista *Agora* fundada por Oscar Sabino Júnior e Afonso Félix de Sousa, que no seu número de estreia (agosto de 1946) publicou o conto “Cruza” (BOTTMANN, 2014, p. 228). Eram ainda referências esparsas. Os textos que descreveremos adiante inauguram no Brasil uma tradição crítica de esquerda que posicionou a literatura de Franz Kafka como uma manifestação política organicamente anticapitalista.

Maurício Tragtenberg publicou em 1962 um pequeno artigo de título – “Franz Kafka: o romancista do “absurdo”⁴. Em 1966, Leandro Konder escreveu aquela que foi a primeira biografia sobre Kafka no Brasil – *Kafka, vida e obra* – publicada numa importante coleção de biografias de divulgação para o grande público que o editor José Álvaro organizava no Rio de Janeiro. Na revista *Temas de Ciências Humanas*, uma revista de máxima importância na década de 1970 na reorganização intelectual da esquerda pecebista durante o regime militar, nela, Carlos Nelson Coutinho publicou em 1977 o ensaio – “Kafka: pressupostos históricos e reposição estética”, um estudo sobre a kafkiana em diálogo direto com o marxismo de Lukács e o debate sobre o realismo literário. E em 1989 Michael Löwy publicou num livro de ensaios (LÖWY, 1989), um capítulo sobre Kafka, ensaio esse que se tornou uma referência internacional fundamental nos estudos da *kafkiana*. Esses são os textos que apresento e analiso a seguir.

O KAFKA DE MAURÍCIO TRAGTENBERG

Começo apresentando o artigo de Maurício Tragtenberg de 1962, um breve texto que desenvolve uma sucinta e contundente leitura de dois livros de Kafka – *O Processo* e *O Castelo*. No seu formato geral o artigo tem uma estrutura convencional. Está iniciado com uma nota metodológica junto à sociologia do conhecimento de Karl Mannheim que discutia a questão da autonomia relativa do intelectual, para logo a seguir apresentar uma breve remissão à temática do “absurdo” junto à literatura de Dostoievski e Albert Camus (*A Peste*) preparando a análise pontual dos romances de Kafka.

⁴ Artigo publicado na Revista *Alfa*, nº 01, Departamento de Letras da FFCL de Marília, SP, 1962. O artigo foi reeditado na *Revista Espaço Acadêmico* (2001) e no livro – versão que aqui utilizo – TRAGTENBERG, 2011, p. 07-20.

Maurício Tragtenberg afirma que a obra de Kafka se constituiu como uma materialização de tensões sociais naquilo que denominou de uma “alma pequeno-burguesa”, isto é, Kafka esteve subsumido à dicotomia de profissionalmente ser gerente de uma companhia de seguros e, subjetivamente, ser um intelectual, um artista. Tragtenberg conclui que essa antinomia marcou a existência de Kafka, tornando-o um *tipo introvertido*. Determinando-se daí o seu estilo alegórico estruturado no tema da “incomunicabilidade” tal como desenvolve com o percurso de Joseph K n’ *O Processo* e pelo agrimensor n’ *O Castelo*.

Tragtenberg entende que Kafka como intelectual era percebido com suspeita pelo seu próprio grupo social e familiar, “por esses burgueses rotineiros que compensam suas frustrações quotidianas no culto fetichista do cheque bancário que lhes garante a segurança financeira, da religião, que assegura um passe livre ao céu e do Estado, supremo protetor de suas propriedades” (TRAGTENBERG, 2011, p. 10). Franz Kafka chocava-se com uma organização social que impunha como “anormal” toda atividade que não visasse o lucro entregue a um mundo de valores pragmáticos e contábeis.

A questão da “incomunicabilidade” em Kafka para Tragtenberg não era uma categoria abstrata, ela pertencia à “contingência”, “ao quotidiano” da vida de cada um, formidavelmente descrita pelo desenrolar dos acontecimentos que atingem o senhor Joseph K no romance – *O processo*, a incomunicabilidade absoluta das instituições existentes em si mesmas que o prendem sem acusação e o matam sem que ele possa saber por qual motivo⁵. Um universo em que “tudo existe, mas nada se comunica”, “uma antevisão” nas décadas de 1910 e 1920 da tragédia judaica no processo da Segunda Guerra Mundial, da captura e morte dos “perseguidos sem culpa” ou nas palavras de Tragtenberg resumindo a experiência de Joseph K diante da lei que o mata: “Essa experiência do pacato cidadão diante da autoridade é uma visão antecipadora do processo de sujeição do homem ao totalitarismo vivido na experiência do fascismo, nazismo e estalinismo” (TRAGTENBERG, 2011, p. 15).

O aspecto central no artigo é a apresentação da obra de Kafka como de máxima importância para a caracterização crítica do capitalismo burocrático que padronizava o mundo contemporâneo, para além de exegeses academicistas da nova crítica literária (o *new criticism* nas décadas de 1950 e 1960), o autor percebia Kafka como um pensador

⁵ Escreve Tragtenberg: “O que importa em *O Processo* é o culpado mais do que a justificação ou não da causa, que é pouco menos que secundária, porque a justiça é inacessível, permanecendo incomunicável com o homem. Essa máquina permanece só, sem gestos nem aparatos, como uma presença insólita no drama humano” (2011, p. 16).

radical, “um rebelde, um insubordinável” (TRAGTENBERG, 2011, p. 19), pois em meio à sua condição de intelectual pequeno-burguês enfrentou com a sua obra as incomunicabilidades do mundo que lhe eram apresentadas, dessa maneira, o Kafka de Tragtenberg afirmava-se sob marcas libertárias.

O KAFKA DE LEANDRO KONDER

Contornando um convite inicial do editor José Álvaro para escrever uma biografia de Mao-Tsé Tung, Leandro Konder sugeriu-lhe escrever sobre Kafka, o que foi aceito (KONDER, 2008, p. 75). Escreveu o livro em poucos meses e o publicou no começo de 1966. Era o seu segundo livro, tinha publicado em 1965: *Marxismo e Alienação*. O livro sobre Kafka inseria-se numa coleção de biografias de grande sucesso editorial – a série *Vida e Obra* (que no começo da década de 1970 passou a ser editada pela Paz e Terra), uma coleção com mais de uma dezena de títulos que se fez amplamente conhecida pelas capas amarelas e que apresentou ao público brasileiro biografias de autores clássicos que começavam a mobilizar na esquerda comunista a revisão dos cânones marxistas. O estudo sobre Kafka foi o segundo da série iniciada com uma biografia de Freud escrita em 1963 por Carlos Estevam Martins, fundador do Centro Popular de Cultura (CPC) e professor do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Na mesma coleção, Leandro Konder, então militante do PCB, também publicou uma biografia de Karl Marx, um notável trabalho de divulgação da trajetória de Marx com o qual uma geração de jovens de esquerda se iniciou nos estudos marxistas. A biografia de Kafka fez sucesso, teve ampla aceitação e uma segunda edição foi publicada em 1967. Foi o primeiro trabalho de divulgação sistemática do conjunto da obra literária de Franz Kafka realizado no Brasil, que naquela altura conhecia parcialmente a *kafkiana*, para além d’ *A Metamorfose*, através das traduções de Torrieri Guimarães, responsável a partir de 1964 pelas traduções ao português originadas não do alemão, mas de traduções francesas e espanholas (BOTTMANN, 2014). Leandro Konder conhecia a obra de Kafka em alemão. Kafka só começou a ser traduzido no Brasil diretamente do original em alemão por Modesto Carone a partir de 1983 para a Editora Brasiliense e depois em obras completas para a editora Companhia das Letras⁶.

⁶ Denise BOTTMANN (2014) discorre sobre as primeiras traduções da obra de Kafka no Brasil, além da notícia daquelas realizadas a partir do ano de 1964 de autoria de Torrieri Guimarães diz o quão eram escassos os artigos e ensaios publicados no Brasil sobre a *kafkiana*, diante do quadro que descreveu percebo como foi importante a pioneira biografia de Konder (que curiosamente não é referida nesse

Há nessa publicação um detalhe a observar sobre o trabalho de Leandro Konder que em 1966 reiterava-se como militante comunista mediado pelo marxismo de Georg Lukács. Lukács tinha pesada crítica à literatura de Kafka, percebida por ele como uma manifestação de “vanguarda decadente”. Konder diz que cometeu um “ato de insubordinação” com Lukács contrariando a opinião deste sobre a *kafkaiana*: “minha apreciação de Kafka deixa transparecer um enorme encanto diante da literatura desse genial escritor. Evitei endossar as restrições feitas pelo filósofo húngaro ao escritor tcheco” (KONDER, 2008, p. 75).

Para além de ser um estudo biográfico o livro de Leandro Konder apresentou ao leitor brasileiro um significativo comentário sobre as principais tendências nos estudos da *kafkaiana*. O comentário é breve, mas elucidativo porque demarcava o esforço do autor em posicionar a sua perspectiva junto à trajetória e obra de Kafka. Começa com aquela tendência de estudos que foi consagrada por Max Brod, a de que as histórias de Kafka poderiam ser vistas como “alegorias religiosas” (KONDER, 1967, p. 182). O reducionismo da leitura de Brod, escreve Konder, inaugurou a moda de se procurar “chaves de leitura” da *kafkaiana*. Outra chave de leitura muito em moda no contexto do livro de Konder era a da psicanálise, que via a literatura de Kafka centrada “na tentativa de fuga para fora da esfera do pai” (Idem, 1967, p. 184). Konder refuta o argumento do viés edipiano da obra como banalmente redutor argumentando que Kafka nunca teve uma aversão passional do pai, ao contrário, sempre lhe reconheceu qualidades e méritos. Indica ainda os frágeis argumentos da chave médica que oferecia como explicação possível da obra a precária saúde de um Kafka tuberculoso. Maurício Tragtenberg também se preocupou no seu texto em resgatar um sentido totalizante à *kafkaiana* contrariamente à tendência dominante na década de 1960 dos modelos da *nova crítica* literária (dos EUA) centrada em exegeses hermenêuticas redutoras. Konder é enfático com seus leitores: Kafka não precisa de chaves de leitura para ter a sua literatura compreendida, ao contrário, trata-se de “uma casa sem portas na qual todos podem entrar” (Idem, 1967, p. 186) e que o uso das chaves explicativas tendia a levar Kafka a ser percebido como um autor muito difícil de ser lido por haver sempre um possível sentido imanente não observável na evidência imediata do texto literário. Demonstrar o contrário é o principal mérito do livro.

estudo, como também não são mencionados os trabalhos de Tragtenberg, Coutinho e Löwy) para a divulgação da literatura do célebre escritor tcheco.

Sem a pretensão de querer ser original, mas foi, Konder posiciona seu estudo junto às interpretações de Brecht, Sartre e à de Joseph Gabel, trabalhos que destacavam um dos valores universais da literatura kafkiana: a crítica às formas institucionais da alienação no capitalismo. Sessenta anos depois, essa biografia ainda é uma excelente obra de apresentação ao grande público da literatura de Franz Kafka e esse sempre foi o sentido dessa publicação e de grande parte da obra de Konder: um notável publicista da cultura e em especial dos grandes temas do marxismo, de Marx aos clássicos do assim chamado marxismo ocidental, em especial o marxismo de Georg Lukács.

O livro está dividido em dezenove pequenos capítulos nos quais descreve a trajetória de Kafka, com base, principalmente, na obra de Max Brod, o grande responsável pela divulgação e publicação póstuma de clássicos de Kafka que sem a sua intervenção não teriam sido publicados. Como se sabe deve-se a Max Brod a publicação póstuma de livros como *O Processo* e *O Castelo*. O Kafka de Konder é apresentado ao leitor como portador de um “humanismo ativo”. Konder não hesita em descrever a obra de Kafka como engajada, “as histórias de Kafka não são, de modo algum, uma glorificação do fracasso” (KONDER, 1967, p 145). Konder mobiliza argumentos de fácil conclusão, faz algumas inferências a passagens da *kafkiana* para reiterar essa sua perspectiva, como num exemplo em que destaca trecho do capítulo nove de *O processo* o momento em que o sacerdote conta a Joseph K a história: *Diante da Lei*, bastante conhecida e que resumo aqui muito rapidamente usando a tradução de Modesto Carone.

“Diante da Lei está um porteiro; um homem do campo pede ao porteiro para entrar na Lei e o porteiro nega-lhe a entrada. O homem do campo indaga o porteiro se poderia entrar mais tarde. É possível, mas agora não, diz o porteiro. A porta da lei continua sempre aberta com o porteiro ao lado da entrada. O homem tenta olhar para dentro, e o porteiro indaga: se o atrai tanto, tente entrar apesar da minha proibição, mas note que eu sou poderoso, sou apenas o último dos porteiros... O homem do campo não esperava tal dificuldade pois a lei deve ser acessível a todos, mas, diante do porteiro decide esperar até obter permissão para entrar. Recebe um banquinho do porteiro e senta-se. Ali fica sentado dias e anos, insiste com o porteiro inúmeras vezes, mas sempre em vão, suborna o porteiro e este aceita-lhe os subornos só para ele não achar que não estava fazendo nada a seu favor na tentativa de acessar a lei na entrada que ali sempre permanecia aberta. O homem do campo envelhece e estando para morrer indaga o porteiro: “todos aspiram à lei, então como se explica que em tantos anos ninguém além de mim pediu para entrar? O porteiro em voz alta diz ao moribundo: esta entrada estava destinada apenas a você, aqui ninguém mais podia ser admitido, agora vou embora e fecho-a” (KAFKA, 2005, p. 214-215).

Leandro Konder afirma que o pecado do homem que desejava entrar foi o da “obediência”, ele não teve coragem para desobedecer ao porteiro, “não ousou enfrentar a autoridade absurda contestando-lhe a legitimidade” (KONDER, 1967, p. 143) e reitera que o sentido daquela história era o de que “devemos desobedecer às autoridades ilegítimas” (KONDER, 1967, p. 145) e conclui que o trecho “diante da lei” é uma das páginas mais esclarecedoras de toda a obra de Kafka. A tese do engajamento pode parecer uma conclusão bastante ligeira, mas penso que se fazia coerente diante do quadro conjuntural que o autor tinha diante de si nos primeiros momentos da ditadura militar, Kafka seria, portanto, um autor engajado, sua literatura procura o engajamento desalienador, assim teríamos com Konder um Kafka necessário à esquerda brasileira, pois sem o engajamento haveria o risco de sermos iguais ao “homem do campo” sentado no banquinho ou ao texugo do conto “A Toca” (um formidável conto), que se condenou a morrer antes do tempo, se fez num morto-vivo porque se deixou paralisar pelo pavor (KONDER, 1967, p. 145). Para Konder toda a obra de Kafka tem um cunho autobiográfico, “todos os seus personagens centrais são, com ligeiras modificações impostas pela ficção, representações dele mesmo” (KONDER, p. 60). Em sendo assim, o *humanismo ativo* de Kafka para Konder se fazia necessário para a luta contra o pessimismo e a derrota resignada da esquerda comunista brasileira no quadro da ditadura militar. Um Kafka visto assim, de fato, fazia do livro uma peça disruptiva não só no campo conservador da crítica literária como no campo do marxismo brasileiro mediado pela matriz lukacsiana que colocava Kafka como literatura de vanguarda decadente, uma expressão literária antirrealista. Em suma: com o seu pequeno livro introdutório, Leandro Konder apresentou ao leitor brasileiro um personagem e um conjunto de obra de extraordinário impacto crítico às institucionalidades que a ditadura militar tão *kafkianamente* organizava contra a sociedade brasileira.

Não posso me deter numa descrição mais detalhada dos conteúdos do livro, mas gostaria de apresentar a questão do *senso de humor* ou a autoironia em Kafka, um dos capítulos mais interessantes do livro de Konder. O humor em Kafka é entendido como elemento poderoso na sua literatura por manifestar seu profundo inconformismo com as realidades institucionais do capitalismo. Konder citando Max Brod diz que Kafka tinha por hábito ler trechos dos seus escritos para seus amigos e que por inúmeras vezes o grupo se via em gargalhadas. Por exemplo: a cena inicial do livro *O processo* em que o personagem é detido em seu quarto por dois policiais por causa de uma acusação que não lhe dizem qual seja, diz Konder, provocou gargalhadas quando lida aos amigos:

“todos foram tomados de um irresistível acesso de riso e o próprio Kafka ria tanto que, por alguns instantes, não pode continuar a leitura” (KONDER, 1967, p. 123). Noutra cena que Konder descreve nesse capítulo, vê-se Kafka na rua encontrando um amigo e dizendo-lhe que vinha de uma livraria na qual tinham sido vendidos onze exemplares do seu primeiro livro – *Contemplação* (1913): diz Kafka, “só eu comprei dez e gostaria de saber quem terá comprado o décimo primeiro” (KONDER, 1967, p. 124).

O Franz Kafka como profeta da *incomunicabilidade* no mundo das engrenagens capitalistas, tal como apresentado por Tragtenberg, é o mesmo personagem-autor que se engajou contra essas engrenagens conforme a biografia de Konder. São textos de divulgação, mas os dois autores, a seu modo, trazem Kafka para as trincheiras da esquerda e esse é um mérito extraordinário dos dois trabalhos, pois rompiam com o senso comum que havia sobre a *kafkaiana*, senão uma obra neurastênica, repito, uma obra antirrealista de vanguarda decadente. Tragtenberg e Konder celebram o realismo crítico de Kafka em estudos introdutórios ao público brasileiro. Em 1977 o ensaio de Carlos Nelson Coutinho leva a *kafkaiana* a outro patamar de análise crítica no campo do marxismo brasileiro.



O KAFKA DE CARLOS NELSON COUTINHO

Carlos Nelson Coutinho foi uma das grandes referências do comunismo pecebista brasileiro nas décadas de 1960 e 1970. Um estudioso da obra de Georg Lukács e António Gramsci, conhecido por seus notáveis ensaios de filosofia política e sociologia da literatura, além de ser um tradutor e divulgador de inúmeros autores e textos do marxismo ocidental no Brasil.

No ensaio publicado na revista *Temas* faz a seguinte indagação: “Restará algo a dizer sobre Kafka?” Sim, diante dos milhares de livros dedicados a Kafka publicados no mundo até àquela altura ainda havia muito a dizer sobre Kafka e a sua obra. Esse algo novo mobilizado seria o de compreender à luz de Lukács um autor (Kafka) que Lukács não compreendeu (COUTINHO, 1977, p. 23). A análise de Lukács sobre a obra de Kafka deu-se no livro – *Realismo Crítico Hoje* (1957). Segundo Coutinho, o método que Lukács utilizou nesse livro estava mais próximo do método de Lucien Goldmann, isto é, a percepção da obra de arte como expressão direta de uma visão de mundo, uma homologia, do que do próprio método que Lukács utilizou noutros textos. O sentido geral desse ensaio é bastante diferente daquele que Tragtenberg e Konder apresentaram

com seus textos, aqui o autor mobiliza-se com a *kalkiana* para refutar Lukács. A obra de Kafka nunca foi bem entendida por Lukács, afirma o autor, pois errava quando na defesa do realismo literário colocava em contraponto a literatura de Kafka com a de Thomas Mann, para Coutinho não havia sentido algum nisso. Enfim, para apresentar Kafka aos lukacsianos, o autor afirma que “em última instância minha pesquisa pode[ria] ser considerada ortodoxamente lukacsiana no sentido de ortodoxia como fidelidade ao método” (Idem, 1977, p. 23).

Carlos Nelson Coutinho faz um diagnóstico geral do mundo capitalista, da época em que Kafka se fez um escritor, uma época que já não tolerava a esperança da fuga subjetiva, momento em que o homem já não podia contornar “ainda que ilusoriamente o fetichismo que o atinge por toda a parte” no íntimo da vida privada, no seu quarto de dormir como em *A Metamorfose* e *O Processo* ou no conto *A Toca*, no bunker que o texugo montou para isolar-se do mundo. O capitalismo dos monopólios que Kafka viu em primeira mão já esmagava nas décadas de 1910 e 1920 os *espaços livres* de sociabilidade (COUTINHO, 1977, p. 26). O tradicional empresário do liberalismo estava sendo substituído pelas grandes organizações monopolistas dirigidas de modo impessoal e burocrático. Resume o autor: “Da economia à vida cultural, o capital monopolista desencadeia um processo que se orienta no sentido de converter os homens em objeto de manipulação” (Idem, 1977, p. 26). Esses seriam, então, os pressupostos da realidade concreta com que se deparou o universo literário de Franz Kafka (Idem, p. 27). A literatura de Kafka, afirma o autor, percebeu esse mundo em transição, do capitalismo liberal para o capitalismo monopolista, descrevendo “o aniquilamento dos espaços individuais de manobra crítica ou de recusa”; Gregor Samsa e Joseph K são esmagados pela nova realidade institucional do capitalismo nas primeiras décadas do século XX, ambos são personagens que “vivem resignadamente imersos em sua privatividade meramente singular sem compreender nada do que acontece” (Idem, p. 27). Uma tese central do ensaio de Coutinho é a de que o mundo *kalkiano* traz a público a “irrupção do fetichismo e da manipulação na vida privada de homens médios enquadrados e passivos”; “indivíduos aceitando passivamente papéis prescritos pela divisão burocrática do trabalho”, tornando-se consumidores obedientes de mercadorias, “de opiniões e de modos de vida” (...) indivíduos conformistas, padronizados que não se desviavam das “normas” impostas pelo ambiente social alienado (Idem, p. 28). Pela descrição apresentada, Kafka seria a expressão máxima das contradições do homem comum contemporâneo pois seus personagens não conseguem superar a sua crença nos valores

de hierarquia, o fanático respeito às regras do jogo. Mas Coutinho vai adiante nesse diagnóstico da obra e argumenta que para além das relações sociais alienadas no capitalismo, Kafka apresenta também a “insensatez do sistema” que promove essa alienação, a “insensatez de instituições” que excluem de si até aqueles que nelas querem estar entusiasticamente integrados (Idem, p. 30). O autor apresenta uma conclusão: diante desse quadro de instituições ossificadas na burocratização alienada, Kafka sabe que o indivíduo por si só não conseguirá triunfar contra a alienação, mas não significa dizer que houvesse resignação passiva por mais evidente que possa parecer a atitude dos personagens, Coutinho vê em Kafka formas de resistência ao sistema; pois mesmo sabendo da sua morte, Joseph K resiste até o fim (Idem, p. 32). Esse ponto é central no ensaio: em Kafka entre o homem e o mundo não há uma relação de indiferença, como aquela apresentada por Albert Camus, mas sempre uma luta de vida ou morte (Idem, p. 32).

Franz Kafka é o grande realista do mundo manipulado, essa é a definição apresentada por Coutinho reiterando a tese de Theodor Adorno de que o universo literário de Kafka se confirmou com a política do nacional-socialismo (nazismo) e a economia monopolista (COUTINHO, 1977, p. 34). O autor conclui parcialmente o ensaio reiterando que o judaísmo de Kafka era internacionalista, humanista, antissionista e anti-imperialista, Kafka era um judeu laico⁷.

O autor encerra o ensaio considerando que o aspecto estético da literatura de Kafka deve-se justificar junto à novela e não propriamente ao romance. “Kafka captou a universalidade do seu tempo sob a forma da novela e não sob a forma do romance” (COUTINHO, 1977, p. 41). Ao contrário do romance que procura figurar a realidade de modo completo, a novela parte do singular, de uma situação específica e no seu desenvolvimento mantém-se presa a ele, a novela não elimina a totalidade, ao contrário, “ilumina a totalidade a partir da representação de um evento singular sintomático” (COUTINHO, 1977, p. 41). A questão de fundo no ensaio do autor é o diálogo que mantém com a obra de Lukács, ao contrário de Tragtenberg e Konder, a sua premissa não é propriamente a literatura de Kafka, mas a de dialogar criticamente com Lukács. Contudo, ainda assim, seu artigo também substantiva com ênfase as perspectivas que

⁷ Se pudesse reiterar e fazer uma ilação com essa conclusão de Carlos Nelson Coutinho, diria que Kafka seria hoje um “árabe-palestino”; nos dias de hoje o personagem Joseph K seria a expressão síntese dos milhões de árabes-palestinos submetidos ao absurdo processual do Estado de Israel dos sionistas-assassinos. Hoje milhares de Joseph K são mortos como cães em Gaza e na Cisjordânia e milhões de judeus israelenses não sionistas insistem em permanecer sentados em banquinhos *Diante da Lei* e a sua porta aberta, sem nada fazer contra essa carnificina.

mobilizaram o esforço analítico de Tragtenberg e Konder quando afirma que “na obra de Kafka os problemas do século XX, do capitalismo em sua etapa monopolista, encontram talvez a sua primeira grande representação estética” (COUTINHO, 1977, p. 54).

O KAFKA DE MICHAEL LÖWY

Outro marxista brasileiro, um comunista libertário mais próximo de Maurício Tragtenberg do que de Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho, Michael Löwy, anos mais tarde asseverou as conclusões dos três autores indagados, mas não apenas para o público brasileiro que se iniciava na leitura da *kafkaiana*, Löwy escreveu também para o mundo acadêmico dos especialistas em Kafka, reiterando a tese de que “a obra literária que Lukács definiu como ‘antirrealista’ contribuiu, talvez mais do que qualquer outra no século XX, para um conhecimento crítico da realidade política do mundo moderno” (LÖWY, 2005, p. 189-190). Penso que Löwy mantém a coerência percebida nos três autores anteriormente citados: a de colocar em evidência com seu texto a dimensão formidavelmente crítica e subversiva da obra de Kafka.

Foi Maurício Tragtenberg quem apresentou a literatura de Kafka a Löwy:



www.revistafenix.pro.br

“Ouvi falar pela primeira vez de Kafka durante meus anos de ginásio no Brasil, numa conferência de Maurício Tragtenberg sobre ‘A burocracia em *O Castelo* de Kafka’. Maurício era um jovem intelectual judeu-brasileiro, autodidata – mais tarde, faria uma carreira universitária – de sensibilidade marxista-libertária. Não me recordo dos detalhes da conferência, mas, em linhas gerais, ele sustentava que o romance de Kafka era uma das mais interessantes análises críticas da significação dos poderes burocráticos nas sociedades modernas. Meu livro deve muito a essa longínqua intervenção de meu amigo desaparecido, Maurício Tragtenberg” (LÖWY, 2005, p. 16).

Löwy afirma que o livro que publicou sobre Kafka na França em 2005, traduzido no Brasil no mesmo ano⁸, resultou de pesquisas iniciadas na década de 1960, com resultados divulgados no artigo “Kafka e o anarquismo” publicado em 1967 em hebraico em Tel-Aviv, traduzido para o inglês nos EUA e para o espanhol na Espanha e na Argentina. A grande referência do autor nessa pesquisa inicial foi a biografia de Kafka elaborada por Klaus Wagenbach (1999) (publicada em alemão em 1964 e um dos primeiros estudos a colocar a obra de Kafka no campo da esquerda anarquista). Depois

⁸ Refiro-me ao livro: *Franz Kafka: sonhador insubmisso*, traduzido do francês pelo professor Gabriel Cohn que também esteve envolvido na organização da LSI em 1956.

retomou esse artigo em revisão ampliada com a publicação do ensaio de 1989 – “*Theologia negativa e utopia negativa: Franz Kafka*” publicado como capítulo do livro *Redenção e Utopia* (1989). E foi a partir das perspectivas e conclusões parciais desse ensaio que publicou o livro de 2005. Apresento a seguir uma breve descrição do ensaio de 1989 e não do livro de 2005, por uma razão simples: o ensaio de 1989 demarca esforço ensaístico passível de comparação com os trabalhos dos demais autores aqui considerados, já o livro não tem essa premissa formal porque está em conexão direta com debates internacionais sobre a *kafkaiana*⁹, por isso escapa do alcance do que foi proposto neste artigo.

Um livro de Kafka pouco citado – *América*¹⁰ ganha de Löwy importantes considerações que preparam o leitor à ideia geral do seu texto e de tudo que escreveu sobre o assunto: a literatura de Kafka expressa *in totum* uma percepção radicalmente crítica das institucionalidades do capitalismo do seu tempo, *Kafka é radicalmente anticapitalista*. Vejamos. Löwy afirma que o romance *América* expressa uma crítica geral ao capitalismo de “modo impressionante” (LÖWY, 1989, p. 68) – “particularmente nas descrições do trabalho mecanizado” (LÖWY 1989, p. 68). Löwy afirma que nessa obra, Kafka descreve os EUA como um “mundo dominado pelo retorno monótono e circular do sempre-igual, pela temporalidade puramente quantitativa do relógio”, e mais, “a América do romance é também percebida como uma civilização sem cultura: o espírito e a arte não parecem desempenhar mais nenhum papel, e o único livro mencionado é, de forma característica, uma obra de correspondência comercial” (Idem, p. 68). Kafka nunca esteve nos EUA. A fonte para esse romance foi o livro de um socialista judeu de nome Artur Holitscher – *América hoje e amanhã* – publicado em 1912, onde além da crítica à sociedade norte-americana se encontra “uma crítica mordaz do taylorismo” (p. 68). Se considerarmos que a divulgação do termo *taylorismo* apenas se iniciava nos EUA com a obra de Frederick Taylor de 1911, Kafka, através Holitscher, foi um crítico de primeira hora da nova organização social do trabalho no capitalismo. Em cartas para Felice Bauer (noiva), Kafka reclamava e manifestava sua angústia diante da “mecanização do mundo” quando, por exemplo, criticava o funcionamento de um “aparelho de ditar

⁹ Exemplo expressivo é o diálogo que Pascale Casanova apresenta no livro *Kafka Indignado* (2024) quando vê como redutora (simplista) a conclusão de Löwy que apresenta a obra de Kafka como expressão de “um socialismo romântico de tendência libertária” (2024, p. 133).

¹⁰ Trata-se do primeiro romance de Kafka, escrito nos anos 1912-1914 (também um romance inacabado), mas só publicado postumamente em 1927. Ver a nota de apresentação de Márcio Seligmann-Silva à tradução brasileira: KAFKA (2012).

(parlógrafo) como exemplo de máquinas que exercem uma ‘coerção muito mais forte e repugnante que um ser humano’” (p. 68).

Para Michael Löwy o conceito de *teologia negativa* é o único capaz de explicar a especificidade da possível problemática religiosa imanente na literatura de Kafka e ele origina-se da leitura de Walter Benjamin da kafkiana que reiterava a tese de que o escritor tcheco fazia uso de inversões negativas de categorias judaicas, isto é, “um judaísmo que perdeu o sentido positivo da Revelação” (LÖWY, 1989, p. 73), uma literatura (mais precisamente nos romances inacabados – *O Processo* e *O Castelo*) que descreve situações sociais de desespero, com personagens entregues aos absurdos da injustiças autoritárias, enfim, complementa Löwy, um mundo sem liberdades onde a redenção messiânica não era mais possível, onde a esperança se percebia por sua ausência radical (Idem, 1989, p. 74-75). Enfim, a possível “teologia” de Kafka seria “negativa porque seu objeto é a não-presença de Deus no mundo e a não-redenção dos homens” (Idem, p. 75).

Para Löwy essa *teologia negativa* seria também uma expressão correspondente àquilo que definirá como um “anarquismo negativo” (LÖWY, 1989, p. 75). Nos romances acima indicados está presente “uma dimensão crítica da reificação burocrática e da autoridade hierarquizada do Estado (jurídica ou administrativa) de inspiração claramente anarquista” e, reitera Löwy: “à ausência da redenção, indicador religioso de uma época maldita, corresponde a ausência da liberdade no universo sufocante do arbítrio burocrático” (LÖWY p. 75). Um argumento importante de Löwy: a literatura de Kafka caracterizava dramaticamente “o aparelho de Estado no que ele tem de mais *moderno*, de mais *anônimo*, enquanto sistema reificado, coisificado, autônomo, transformado num fim em si” (p. 80 – itálicos do autor). E mais, Kafka também foi um crítico do movimento operário organizado em sindicatos e partidos políticos porque percebia nessas institucionalidades práticas de gestão similares às das grandes empresas capitalistas e burocracias estatais.¹¹

¹¹ Escreve Löwy: “Gustave Janouch afirma que Kafka lhe disse o seguinte quando observava uma passeata de operários: ‘Essa gente é tão consciente de si mesma, tão segura de si mesma e tão bem-humorada! São os donos da rua e acreditam-se donos do mundo. No entanto, eles se enganam. Logo atrás já avançam os secretários, os burocratas, os políticos profissionais, todos os sultões modernos que se preparam para tomar o poder. (...) A revolução se evapora, resta apenas o lodo de uma nova burocracia. *Os grilhões da humanidade torturada são feitos de papéis de ministérios*’” (Apud Löwy, 1989, p. 77 – itálicos meus).

Aspecto central do ensaio é a caracterização de Franz Kafka em *afinidade eletiva*¹² com o ideário do movimento anarquista que lhe era coetâneo. Descrevendo alguns episódios da trajetória do escritor (em especial na década de 1910), Löwy apresenta-nos um Kafka fortemente interessado na cultura política anarquista. Leitor de Kropotkin e Bakunin (fato mencionado nos seus *Diários*) e desde muito jovem um admirador do anarquismo de Ravachol¹³ (um anarquista francês que foi guillotinado em fins do século XIX que era conhecido como a “voz da dinamite”), clássicos seminais do comunismo anarquista, Kafka também participava de reuniões e passeatas de grupos anarquistas em Praga. Esteve presente na passeata em homenagem aos 40 anos da Comuna de Paris (1911) e numa manifestação nas ruas de Praga que foi violentamente reprimida pela polícia, contra a execução em Paris de Liabeuf, um anarquista francês, Kafka acabou por ser preso e livrou-se das 24 horas da prisão que lhe foram impostas pagando uma multa (LÖWY, 1989, p. 76). Em conclusão: o Kafka de Michael Löwy na sua vida cotidiana e na sua literatura expressou perspectivas que o podem definir como um *anarquista negativo*, não um militante anarquista, mas alguém que encontrou no anarquismo de sua época uma expressão coerente com as contradições que percebia no seu cotidiano e traduzia na sua obra.

Kafka trabalhava na cidade de Praga no *Instituto de Seguros de Acidentes de Trabalho* (um “ninho sombrio de burocratas”). Detestava o seu trabalho, mas sempre foi diligente nos seus relatórios em favor das demandas dos trabalhadores, tinha funções importantes na instituição, essa era a sua contradição máxima, dava respostas eficientes dentro da lógica da burocracia e sempre se solidarizando com os trabalhadores que procuravam a seguradora.¹⁴

Conclusão geral de Löwy: “Kafka apresenta o sistema burocrático como um mundo reificado, onde as relações entre indivíduos tornam-se uma coisa, um objeto independente, uma engrenagem cega” (LÖWY, 1989, p. 84). Kafka não apontou ou

¹² O conceito de afinidade eletiva é assim definido por Löwy: “É um conceito que nos permite justificar processos de interação que não dependem nem da causalidade direta, nem da relação ‘expressiva’ entre forma e conteúdo (por exemplo, a forma religiosa como ‘expressão’ de um conteúdo político ou social)” (LÖWY, 1989, p. 18). O autor destaca que um exemplo dessa conexão possível foi apresentado por Marx numa passagem dos *Grundrisse* quando faz referência “à relação entre o protestantismo inglês ou holandês e a acumulação do capital-dinheiro” (Idem, 1989, p. 18). Um detalhe: Max Weber não conheceu esse texto de Marx porque o mesmo só foi publicado em 1939 (p. 18).

¹³ Um célebre anarquista francês que foi guillotinado em fins do século XIX, também conhecido como a “voz da dinamite”, pelas suas práticas anarcoterroristas.

¹⁴ Löwy resgata uma frase que Kafka teria dito a Max Brod sobre as demandas e condições dos trabalhadores no departamento de seguros: “Como essa gente é humilde. Vêm aqui para mendigar. Em vez de atacar o Departamento e tomar o que é seu, vêm mendigar” (Apud LÖWY, 1978, p. 76).

descreveu qualquer utopia socialista, anarquista, mas ela “existe em negativo, como crítica de um mundo totalmente desprovido de liberdade, submetido à lógica absurda e arbitrária de um ‘aparelho’ todo-poderoso. *É o modo de criticar o estado de coisas existente que manifesta o ponto de vista anarquista*” (Idem, 1989, p. 84 – itálicos do autor).

CONCLUSÃO

Foram descritas muito brevemente quatro leituras da obra de Kafka elaboradas por comunistas brasileiros de diferentes matizes teóricas. O ponto central dessa tradição de intérpretes é a caracterização da literatura de Kafka como expressão radicalmente anticapitalista e por isso, mais de cem anos depois da sua morte, a trajetória e a obra literária de Franz Kafka são profundamente atuais. Kafka é nosso contemporâneo!

REFERÊNCIAS

- BANDOLI, Mabelle. Na “contracorrente” do desenvolvimentismo: autonomia organizativa, democracia partidária e o socialismo radical da *Liga Socialista Independente* (1956-1960). In: Revista **Teoria & Pesquisa**, vol. 22, n° 02, UFSCar, São Carlos, SP, p. 50-70, jul/dez 2013. Disponível em: <https://teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/358>
- BOTTMANN, Denise. Kafka no Brasil: 1946-1979. In: Revista **Tradterm**, n° 24, USP, São Paulo, p. 213-238, 2014. Disponível em: https://revistas.usp.br/tradterm/pt_BR/article/view/96564
- CASANOVA, Pascale. **Kafka indignado**. Tradução de Iraci Poleti e Regina Salgado Campos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2024.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Kafka. Pressupostos históricos e reposição estética. In: Revista **Temas de Ciências Humanas**, n° 02, Editorial Grijalbo, São Paulo, p. 15-56, 1977.
- KAFKA, Franz. **O desaparecido ou Amerika**. Tradução de Susana Kampff Lages, São Paulo: Editora 34, 2012.
- KAFKA, Franz. **O Castelo**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- KAFKA, Franz. **O processo**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- KONDER, Leandro. **Memórias de um intelectual comunista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- KONDER, Leandro. **Kafka**. Vida e obra. (2ª edição). Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1967.
- LÖWY, Michael. Ler Kafka sem se render. Entrevista **Le Monde Diplomatique** (Brasil) em 19.11.2025. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/ler-kafka-sem-se-render/>

LÖWY, Michael. **Franz Kafka, sonhador insubmisso**. Tradução Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

LÖWY, Michael. “Theologia negativa” e “utopia negativa”: Franz Kafka. In: LÖWY, Michael. **Redenção e utopia**. O judaísmo libertário na Europa Central. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 67-84.

MANZANO, Sofia e PINHEIRO, Milton. Carlos Nelson Coutinho e a polêmica criadora – considerações preliminares. In: Revista **Praia Vermelha**, vol. 22, n° 02, UFRJ, Rio de Janeiro, p. 33-40, jan/jun de 2013.

TRAGTENBERG, Maurício. **Teoria e ação libertárias**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

TRAGTENBERG, Maurício. Franz Kafka: romancista do absurdo (reedição). In: **Revista Espaço Acadêmico**, vol. 01, n° 07, UEM, Maringá, PR, dezembro de 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/40167>

VALVERDE, Antonio & MACHADO, Rodolfo. **Maurício Tragtenberg: autogestão social e pedagógica**. São Paulo: EDUC, 2016.

WAGENBACH, Klaus. **Kafka**. Tradução de Paulo Osório de Castro. Minho: Círculo de Leitores, 1999.



www.revistafenix.pro.br

Recebido em: 24/11/2025
Parecer dado em: 26/01/2026